

RESILIÊNCIA URBANA A INUNDAÇÕES:

O caso da comunidade do Pontal da Barra em Pelotas / RS

BRUNA DISCONZI MEOTTI¹

LÍGIA MARIA ÁVILA CHIARELLI²

¹Universidade Federal de Pelotas – brunameotti@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – biloca.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

As mudanças climáticas apresentam cada vez mais graves consequências em todo o mundo. A necessidade urgente por transformações no modo de agir frente a essa problemática tornou-se um conhecimento global (STENGERS, 2015). Os desastres são cada vez mais frequentes e intensos: aumento da temperatura média e do nível do mar, diminuição do período de chuvas, eventos meteorológicos severos e atualmente, crises pandêmicas. Esses eventos, somados a urbanização, fizeram com que as cidades se tornassem as mais afetadas por esses acontecimentos (ONU, 2019).

Embora haja avanços científicos e tecnológicos e a difusão do conhecimento global, os desastres ainda ocorrem em grande escala. Localizada na esfera dos desastres naturais, as inundações são frequentes nos ambientes urbanos, com a maioria das cidades entrando em colapso a cada chuva mais intensa. Dessa maneira, surge o questionamento sobre o modo de desenvolvimento urbano e marca a necessidade de as cidades continuarem operando durante os períodos extremos, adaptando-se aos riscos e vulnerabilidades e sendo mais resilientes (SIEBERT, 2012).

O conceito de Resiliência é utilizado primordialmente na física, significando a propriedade de alguns corpos em retornar à forma original após terem sido submetidos a uma deformação elástica (YOUNG, 1807). Contudo aqui a resiliência não é aplicada apenas como o retorno ao estado anterior. Resiliência Urbana se refere à habilidade das cidades em resistir, absorver, acomodar-se e reconstruir-se diante dos eventos adversos em tempo hábil, preservando e restaurando suas estruturas e funções essenciais (UNISDR, 2019). Uma cidade resiliente suporta, responde e se adapta mais rapidamente a choques (eventos pontuais, repentinos e graves) e estresses (pressão diária e recorrente), saindo mais fortalecidos de momentos difíceis e com capacidade de viverem melhor em momentos sem crises (SALVADOR RESILIENTE, 2019). Durante as inundações, a resiliência se concretiza, não no combate ao rio, mas através do aprendizado de conviver com as inundações, adaptando seus estilos de vida e construindo ambientes adaptados a dinâmicas dos rios (LIAO, 2012).

Da mesma forma, as pandemias fazem parte da realidade de um mundo globalizado. A crise pandêmica que rapidamente se espalhou pelo mundo no início do ano de 2020, mostrou que a maioria das cidades não está preparada para suportar choques e eventos extremos. O Novo Coronavírus (COVID-19), que teve como epicentro de propulsão a China, se difundiu pelo mundo em menos de um mês, acarretando milhares de mortos e estado de emergência global. As cidades não estavam preparadas para a pandemia do Coronavírus, bem como estão despreparadas para grandes enxurradas ou inundações, mesmo que esses eventos se tornem, corriqueiros. Para aquelas que vivem em áreas vulneráveis, comunidades ou favelas, desprovidos de uma infraestrutura básica, a necessidade de desenvolver a resiliência torna-se mais urgente. Por esse ângulo, sentiu-se a necessidade de aprimorar respostas em relação ao modo como as

idades respondem a esses eventos extremos, relacionadas às percepções dos usuários e sua relação com o ambiente urbano. Diante disso, a pesquisa busca respostas a nível da comunidade, do bairro, da pequena escala, destacando características distintas do nível macro urbano.

Esta pesquisa está inserida na linha de pesquisa Percepção e Avaliação do Ambiente pelo Usuário do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas e expõe as discussões abordadas na dissertação de mestrado iniciada no ano de 2019. O estudo apresenta como objetivo geral analisar como as comunidades podem se valer das ameaças e vulnerabilidades no meio urbano para desenvolver a capacidade de resiliência.

Partindo do pressuposto de que qualquer agrupamento social que apresente auto-organização ou que seja autossustentável, pode exibir resiliência (KIRMAYER et al., 2009), apresenta a seguinte hipótese: o senso de comunidade e o apego ao lugar são determinantes para a construção da capacidade de resiliência em comunidades, criando melhores condições para o enfrentamento de desastres o desenvolvimento próprio e das futuras gerações.

2. METODOLOGIA

A estratégia de pesquisa se dá através de um estudo de caso exploratório, desenvolvido sob o enfoque fenomenológico com abordagem metodológica qualitativa. Para essa finalidade será estudada a comunidade de pescadores do Pontal da Barra, localizada no bairro Laranjal, em Pelotas/RS. Essa comunidade foi eleita para estudo de caso pela vulnerabilidade firmada pelas constantes inundações ocorridas na comunidade e pela mesma apresentar características resiliente. Esse agrupamento se localiza há 14km do centro da cidade de Pelotas.

A comunidade está situada entre a Lagoa dos Patos e o canal São Gonçalo, com fundos para a Reserva Particular do Patrimônio Natural. O acesso terrestre ao Pontal da Barra é feito por uma via paralela à Lagoa dos Patos, que dá continuidade após o trapiche da praia do Laranjal: Av. Dr. Antônio Augusto de Assunção (Figura 1).



Figura 1. 1)Centro do município de Pelotas. 2)Localização da comunidade Pontal da Barra. 3) Via de acesso em continuação da Av. Dr. Antônio Augusto Assunção
Fonte: Rodrigues (2017), Google Earth (2020), aptado pela autora.

A fim de compreender as vivências dos moradores da comunidade do Pontal da Barra a pesquisa utiliza os conceitos de Percepção Ambiental. A partir do referencial teórico adotado essa investigação tem como categorias de análise Percepção de Risco, Senso de Comunidade e Apego ao Lugar. A proposta metodológica da dissertação é dividida em etapas: A primeira etapa, se refere ao aporte teórico, através de uma revisão bibliográfica, para compreender os

problemas e desafios urbanos e de que forma a resiliência pode ser desenvolvida. Na segunda etapa, foram realizadas observações do local de estudo, através de visitas exploratórias, registros fotográficos e diálogos informais. Também, de forma exploratória foram empreendidas entrevistas semiestruturadas com a população residente, embasados nos atributos de Percepção Ambiental. A análise das narrativas, apoiadas na revisão bibliográfica buscará identificar forças, fraquezas, oportunidades e ameaças que a localidade enfrenta.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após o levantamento realizado chegou-se ao seguinte diagnóstico: A população residente no Pontal da Barra é formada por uma comunidade de pescadores, que vive a mais de 40 anos no local. A comunidade teve origem por pescadores artesanais que desempenhavam a pesca como meio principal de subsistência e passaram a habitar a orla da laguna sendo que a escolha do lugar se deu pelo ambiente ser propício a pesca. Hoje o local conta com aproximadamente 60 famílias.

As residências são construídas de madeira e alvenaria. As mais próximas da água são construídas sob *pilotis*, possuindo atracadouros para pequenos barcos. Por conta da maioria dos moradores trabalharem diretamente e indiretamente a atividade pesqueira, a área é composta, em sua maioria, por residências unifamiliares, contando com alguns pontos de comércio tal como uma pastelaria, bares e comércio de venda de pesca. A comunidade não contempla equipamentos urbanos, sendo necessário o deslocamento da população até o Laranjal para utilizar esses serviços. A escola mais próxima fica à 2,43 km, o posto de saúde à 3,12 km, brigada militar à 2,77 km e paradas de ônibus à 2,14km.

Na comunidade do Pontal da Barra, há inúmeras situações que favoreceram o engajamento comunitário, principalmente quando as águas invadem as casas. Também se verificam mobilizações por direitos básicos de infraestrutura (energia elétrica, coleta seletiva de lixo, transporte público, etc). Há poucos anos, os moradores conquistaram transporte público para as crianças irem à escola. Anteriormente, percorriam um trajeto de 2,6 km até a escola mais próxima a pé ou a cavalo. A partir da organização dos moradores, a comunidade adquiriu a instalação de infraestrutura de água, energia elétrica, internet e coleta de lixo três vezes na semana. No entanto, não se verificou a presença de iluminação pública.

É inevitável o questionamento do porquê de as pessoas ocuparem áreas vulneráveis, como é o caso do Pontal da Barra. Para Pisani (2018) essas construções ocorrem por motivos históricos, culturais, econômicos, políticos ou espaciais. Em conversa com os moradores mais antigos, constatou-se que esses consideram que não existe algum outro melhor lugar para se viver e criar os filhos. Ao mesmo tempo que convivem com problemas e dificuldades, os moradores afirmam não querer sair do local, pois dependem da pesca e de um lugar próximo a água para guardar seus equipamentos.

Em relação as enchentes, a comunidade, diferente que poderia ser considerado pelo senso comum, não se sente fortemente afetada. Pescadores que na água tiram o seu sustento, não se assustam nas situações corriqueiras das enchentes. O problema relatado pela maioria foi o fato da água cobrir a via de acesso a comunidade, afetando o entrada e saída dos moradores, inclusive impedindo as crianças de irem à escola. O único modo de sair é com o barco. Durante certos períodos do ano, quando a chuva e o vento são intensos, a água da Lagoa cobre a estrada, fazendo com que os moradores fiquem totalmente ilhados.

A comunidade cobra a execução de um dique para a contenção da água, o que poderia resolver em parte a situação. Dependendo da intensidade das enchentes, os moradores permanecem no local, com medo das moradias serem saqueadas por pessoas externa a comunidade. Quando a situação é mais grave, abandonam o local por meio dos barcos. A última enchente mais severa e que causou mais danos a população foi no ano de 2015. No entanto quase anualmente ocorrem pequenas inundações, que cobrem uma parte dos lotes, mas que não exige a saída de seus moradores, até mesmo porque muitas casas são elevadas.

O relato do caso do Pontal da Barra é um exemplo de comunidade que vive em situação de vulnerabilidade socioambiental, mas que vem construindo resiliência ao enfrentar as enchentes frequentemente, através de vínculos de pertencimento e afeto. Em continuidade, além do aprofundamento dos conceitos da Percepção Ambiental através dos atributos de Percepção de Risco, Senso de Comunidade e Apego ao Lugar, serão sistematizados os mapas do diagnóstico e finalizada a caracterização da comunidade. A seguir, as entrevistas serão concretizadas, transcritas e interpretadas.

4. CONCLUSÕES

Num momento em que o mundo adotou um caráter insustentável de desenvolvimento e a maioria das cidades ainda não implementa ações resilientes às vulnerabilidades, é preciso mais do que nunca alcançar respostas e soluções. Na resposta a gestão das águas, a resiliência conduz a uma relação saudável e sustentável com a meio ambiente. Uma comunidade urbana resiliente retorna às condições anteriores à crise com maior fortalecimento, através de sua organização estrutural.

Evidencia-se a necessidade de aprofundamento de pesquisas que permitam o debate sobre as percepções dos usuários afetados por enchentes, para que a partir disso se possa elaborar estratégias públicas por meio de seus anseios. Este estudo pretende contribuir com o aprofundamento do conceito de resiliência urbana e comunidades resilientes a inundações, além de estabelecer a vinculação entre senso de lugar e resiliência.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 100 RESILIENT CITIES. **RELATÓRIO SALVADOR RESILIENTE**. 2019.
- KIRMAYER, Laurence J, et al. **Community resilience**: Models, metaphors and measures. *International Journal of Indigenous Health*, v. 5, n. 1, p. 62, 2009
- LIAO, Kuei-Hsien. **A theory on urban resilience to floods**—a basis for alternative planning practices. *Ecology and society*, v. 17, n. 4, 2012.
- ONU. **Além do rendimento, além das médias, além do presente**: Desigualdades no desenvolvimento humano no século XXI. Relatório do Desenvolvimento Humano 2019.
- PISANI, Maria Augusta. **Arquitetura e Urbanismo Resilientes às Inundações**: Planejamento de Áreas Inundáveis e Tipologias de Edificações. Pós-Doutorado – Mackenzie. São Paulo - SP, 2018.
- SIEBERT, Claudia. **Resiliência Urbana**: Planejando as Cidades para Conviver com Fenômenos Climáticos Extremos. In: VI Encontro Nacional da Anppas, Belém, 2012.
- STENGERS, Isabelle. **No tempo das catástrofes**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- TUCCI, Carlos EM. **Água no meio urbano**. Livro água doce, p. 1-40, 1997.
- UNISDR. **Como Construir Cidades Mais Resilientes**: Um Guia Para Gestores Públicos Locais (2005–2015). Genebra, 2012.
- YOUNG, Thomas. **A course of lectures on natural philosophy and the mechanical arts**: in two volumes. Johnson, 1807.